

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2008 - ANO XII - Nº 139

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Há sessenta anos, em agosto de 1948, foi inaugurado em Piquete o Hospital da FPV. Esta foi a concretização de um dos maiores anseios da população do município, empreendida pela administração da Fábrica. Com sessenta leitos e aparelhado com o que havia de mais eficiente e moderno à época, contava com sala de cirurgia das mais completas, aparelhos de Raio-X, de oftalmologia, de otorrinolaringologia, gabinete dentário, laboratórios. O corpo clínico estável atendia diariamente, não somente os operários da Fábrica e familiares, mas todos os municípios.

Para administrá-lo, vieram para Piquete as Irmãs Salesianas, que assumiram o serviço de enfermagem. Por mais de duas décadas, o hospital da FPV foi referência regional pela excelência do atendimento. Com a criação da IMBEL, em 1975, a Fábrica deixou de ser sua provedora. As Irmãs foram embora e, aos poucos, foi-se perdendo a qualidade do atendimento.

Aproximam-se as eleições municipais de outubro. Este ano, em Piquete, apenas dois candidatos disputam o cargo do Executivo municipal. Um dos problemas a ser equacionado pelo prefeito eleito será o da saúde pública. Esta é a principal preocupação dos piquetenses. Para tanto, é preciso não apenas vontade política, mas principalmente competência administrativa e ousadia na busca por soluções. A crise por que passa a saúde no país é pública e notória. Decorre, entre tantos outros motivos, da falta de priorização do social, bem como da falta de consciência de nossos administradores de que saúde é investimento e não despesa.

Numa retrospectiva histórica, ao analisarmos o programa de saúde elaborado pelo General Aquino, auxiliado pelo tenente coronel Monte, na década de 40, constatamos bem definidos o planejamento e as metas da administração. Evidencia-se aí uma das principais razões de seu sucesso. Se a fórmula foi bem sucedida no passado, por que não o seria no presente?



A inauguração do Hospital da FPV, em 28 de agosto de 1948, foi a concretização do sonho dos piquetenses. Por muitos anos, foi referência em qualidade de atendimento na região. Hoje todos desejam que ele volte a sê-lo.

Uma escolha consciente

Aproximam-se as eleições municipais de outubro, quando estaremos escolhendo, por meio do voto, prefeitos, vice-prefeitos e vereadores que administrarão os municípios nos próximos quatro anos.

Pela TV assistimos às propagandas do TSE, que buscam conscientizar o eleitor para a importância do voto consciente. Este ano, em Piquete, mais de 100 candidatos disputam as nove vagas da Câmara Municipal.

É preciso que o eleitor conheça o papel constitucional do vereador e verifique se o candidato tem o perfil para o cargo que pleiteia. Cabe ao vereador mostrar os problemas da comunidade e buscar providências junto aos órgãos competentes. É sua atribuição, também, fiscalizar as contas do Poder Executivo Municipal e os atos do Prefeito, denunciando o que estiver ilegal ou imoral: o vereador é o fiscal do dinheiro público.

Um dos pré-requisitos básicos da democracia é a existência de um Poder Legislativo forte e realmente independente. Sem isso a democracia torna-se deficiente, capenga. Apesar dos “poderes serem independentes e harmônicos entre si”, ainda falta muito para que isso vire realidade. A grande maioria de nossos parlamentares torna-se subserviente e fiel aos interesses políticos e econômicos do Executivo. Nas Câmaras Municipais, essa prática é vergonhosa. Prefeitos detêm a maioria dos vereadores, os quais mantêm ao seu lado disponibilizando “empreguinhos” para

esposas, irmãos ou filhos. Dessa maneira, o edil fica cada vez mais distante do verdadeiro papel do vereador, passando a ser mais um encabrestado, um boneco de marionetes. Cabe à população esclarecida exercer bem o seu direito de escolha quando chamada às urnas para indicar sua representação.

Aqui fica a pergunta: será que o vereador que presta apoio político incondicional ao prefeito, em troca de “benefícios” pessoais, exercerá livremente a função de fiscalizá-lo? A resposta é inquestionável: não! E é isso que acontece na maioria das cidades brasileiras.

É preciso mudança. Vereador deve ser independente, atuante, polêmico; e deve ter coragem de concordar com o que considera certo e discordar do que considera errado; deve apoiar com conhecimento e desarmado de ódios ou rancores. Precisamos de vereadores atuantes, dispostos a romper com a subserviência e com os vícios. O vereador deve agir sem apego a benefício pecuniário; deve usar, com disposição, a prerrogativa de denunciar possíveis fraudes envolvendo dinheiro público, sobretudo pela tendência descentralizadora existente, pois, atualmente, as verbas vão diretamente para as Prefeituras, como é o caso dos recursos do Ensino Fundamental, que não são poucos.

Vereador consciente contribui efetivamente para o desenvolvimento humano do seu município, ajudando o povo a pensar e se organizar.

Imagem - Memória



A inauguração do Hospital da FPV, em 28 de agosto de 1948, contou com a presença de diversas autoridades, destacando-se o presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, do governador do Estado, Adhemar de Barros, do prefeito de Piquete, Luiz Vieira Soares, do diretor da Fábrica, gen. Waldemar Brito de Aquino, do bispo diocesano, Dom Luiz Gonzaga Peluzo, além de altas patentes do Exército.

A inauguração do Hospital da FPV

Um evento da história de Piquete que ficou na memória de muitos antigos moradores foi a inauguração do Hospital da FPV ocorrida em 28 de agosto de 1948. Essa obra foi a consecução de um dos maiores anseios dos piquetenses, concretizada pela Direção da Fábrica Presidente Vargas, ciente da falta de políticas públicas municipais voltadas para a saúde da população. Desprovida de recursos pecuniários e de técnicos habilitados, a municipalidade se via incapaz de proporcionar aos moradores atendimento nessa área. Nos anos de 1940, a mortalidade infantil em Piquete era elevada: uma vergonha para o município, cuja população urbana era de pouco mais de seis mil habitantes. Desses, aproximadamente dois mil e trezentos eram servidores da Fábrica; os que não o eram dela dependiam.

Na cidade havia um déficit de moradias. As pouco mais de mil habitações existentes eram de baixo padrão construtivo. Não havia serviços próprios de água e luz. A Fábrica é que lhes cedia o excedente. A rede de esgoto domiciliar era parcial e os dejetos, sem tratamento, eram lançados no rio que atravessa a cidade.

Para sorte dos piquetenses, em fevereiro de 1942 assumiu a Direção da Fábrica o general Waldemar Brito de Aquino, homem sensível, humano, ciente das carências do município, que aqui chegou, pela primeira vez, em 1932. Aquino, auxiliado pelo tenente coronel José Pompeu Monte, criou o Serviço de Assistência Social da Fábrica, um dos mais bem organizados do país. Com seus diferentes departamentos, em poucos anos modificou a fisionomia social e urbana

da cidade. Deu continuidade aos trabalhos iniciados por seu antecessor, general Gomes Carneiro, construindo vilas operárias e escolas profissionalizantes. Entre outras grandes obras, a que marcou sua gestão foi a especial atenção à saúde. Criou um serviço modelar com atendimento pré-natal, maternidade e puericultura, com recursos exclusivos da Fábrica, sem ônus para os cofres da nação. O trabalho em prol das crianças iniciava-se com o pré-natal; assistia-se ao seu crescimento e à sua alimentação, zelando-se pelas mães, que eram também orientadas nas questões de saúde. Dava-lhes, ainda, formação, com orientação vocacional por meio de ensino técnico-profissional.

Além disso, havia uma grande enfermaria, construída em 1937, mas com déficit de leitos. Para completar a assistência na área de saúde faltava um hospital modelar. Em 1943 teve início, então, a construção do sonhado hospital.

Assim, foi com grande expectativa que a população, naquela fria manhã de agosto de 1948, se postou em frente do majestoso edifício esperando a chegada do Presidente da República, que viria inaugurá-lo. Eram dez horas quando, acompanhado de sua comitiva – da qual fazia parte o Ministro da Guerra, membros do gabinete civil e militar e outras altas autoridades –, o Presidente Eurico Gaspar Dutra chegou a Piquete, por via aérea. Aguardava-o o Diretor da FPV, general Waldemar Brito de Aquino, e toda a sua oficialidade, o governador do Estado, Dr. Adhemar de Barros, o prefeito, Luis Vieira Soares, o bispo diocesano, D. Luiz Gonzaga Peluzo,

o chefe do Estado Maior, general César Obino, o Diretor da Intendência do Exército, general Escarcela Portela, o Diretor de produção, general Fiúza de Castro, o comandante da 2ª Região Militar, general Renato Paquet, os generais Agra Lacerda e Raulino de Oliveira, numerosos oficiais de diferentes patentes, e todo o operariado da Fábrica. Após uma salva de tiros houve desfile do Destacamento da Fábrica, do Contingente de Vigilância e de operários e escolares.

Após o desfile, houve a inauguração solene do hospital, com bênção dada pelo bispo diocesano. Seu diretor, o capitão médico Otávio Tibúrcio Ferreira, saudou o Presidente Dutra e historiou a obra, passando-lhe, a seguir, a chave do edifício, para que abrisse suas portas para visitação. Inaugurado, o Hospital da Fábrica passou a ser administrado por Irmãs Salesianas e por muitos anos foi referência em atendimento de saúde na região.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Seu Espirro

O apelido ele ganhou na época em que era soldado. Foi-lhe dado por um companheiro de caserna, incomodado com sua rinite, mal que o acompanha ainda hoje.

Durval Barbosa Lemes nasceu em 17 de setembro de 1916, numa fazenda no Embaú Mirim, Cruzeiro, propriedade de seus pais Alacrino Lemes Barbosa e Maria José da Palma.

Freqüentou escola rural no Embaú, onde foi aluno da professora Dolinha Godoy. Adolescente, ajudava no serviço da fazenda, e estava trabalhando em Cruzeiro quando eclodiu a Revolução Constitucionalista de 1932. Recordar-se bem desse episódio que marcou sua vida... As tropas paulistas chegando ao Quilombo e ao Embaú e de lá se dirigindo para a Serra dos Marins, Passa Vinte e o Túnel, locais onde grande parte dos soldados ficou entrincheirada, na tentativa de barrar o avanço federal vindo de Minas Gerais. Diz que na Mantiqueira foi estabelecida uma grande frente, com trincheiras abertas na região do Gomerl, em Guaratinguetá, no Pico do Cabrito e Marins, em Piquete, no Itaguaré e no Túnel, em Cruzeiro. Conhecedor da região, seu Espirro foi requisitado e seguiu com as tropas, apesar de não ter 18 anos. Conta-nos dos trabalhos nas trincheiras e que os soldados paulistas eram muito jovens. Certa vez, o fogo da artilharia das tropas federais era tão intenso, que não podiam avançar nas trincheiras. Desse episódio, fala da coragem de um cabo que os comandava, da saraivada de tiros e que quando um fuzil era erguido para fora da trincheira, sua baioneta logo era alvejada, tal a intensidade do tiroteio. Seu “Espirro” cita a angústia que sentia e a morte de aproximadamente 20 soldados nessa trincheira: “ajudei a sepultá-los, no alto da serra, em caixões improvisados com caixas de munição”.

Conta, também, que, apesar dos canhões



paulistas de 105mm postados em pontos estratégicos, dia-a-dia as tropas do governo federal avançavam. Certo dia, tomaram o pico chamado Garupa, de onde atiravam para baixo. Para impedi-los uma locomotiva foi virada na boca do Túnel. “Mas não adiantou de nada. As tropas ditatoriais avançaram assim mesmo...”

Seu Espirro assistiu ao recuo das tropas constitucionalistas deixando os pontos de defesa. Voltou, então, para sua casa no Embaú Mirim, enquanto as tropas seguiram para Aparecida e depois para São Paulo. Fala que as pontes sobre o Paraíba, em Cachoeira Paulista e Lorena, foram dinamitadas. Apesar dos esforços, São Paulo capitulou.

Um ano após o término da Revolução, Seu Espirro ingressou no Exército, no 5º RI, em Lorena. Como cabo, foi transferido para Piquete, onde permaneceu no quartel por uns oito anos, quando deu baixa. Logo em seguida ingressou na Fábrica Presidente Vargas. Nesse estabelecimento trabalhou

por trinta e cinco anos, no 3º Grupo, na fabricação de nitroglicerina. Aprendeu muito e fez amizades. Assistiu a vários acidentes e à morte de companheiros de trabalho. Antes de ingressar na Fábrica, ainda como cabo conheceu Terezinha dos Santos, com quem se casou em 1944. Tiveram oito filhos, vinte netos e dois bisnetos. Aos 92 anos, “seu” Espirro é memória viva de um importante episódio da história paulista, a Revolução Constitucionalista de 1932, da qual foi testemunha ocular.

Formação política e participação: esteios da maturidade democrática

Ermelinda G. Uchoas

O homem é um ser social por natureza, realizando tudo em sociedade. Portanto, somos seres políticos. Embora tenhamos o mesmo valor, cada um tem individualidade, um modo de ser, preferências, aptidões, um julgamento próprio a respeito dos acontecimentos da vida.

Temos consciência de que o poder político, ao longo de nossa história, emanava das elites e era exercido segundo os interesses dos ricos, dos brancos proprietários e “cultos”; enfim, as decisões estavam sempre nas mãos de um grupo dominante.

Torna-se necessária a conscientização de que a democracia almejada no seu sentido verdadeiro não existe pronta e acabada – muito menos como dádiva dos poderosos –, mas se constrói num processo constante de luta e participação.

A formação política deve nascer dos espaços de convivência de nossa vida. Somente quem cultiva suas capacidades, conhece e vive seus direitos e deveres está apto a sentir sua dignidade e cidadania.

Quem “não sabe” fica sempre dependendo da boa vontade dos outros, com a possibilidade de ser “passado para trás”; e a própria pessoa deve ser a primeira responsável por sua formação.

Como cidadãos, como pessoas organizadas, precisamos sair da ignorância e partir para um profundo conhecimento dos nossos direitos e deveres na esfera política; é preciso que a garantia constitucional da participação popular na atividade legislativa seja para valer. Precisamos ir à luta através de um alento a iniciar-se na família, estendendo-se para as comunidades, associações, sindicatos, movimentos populares e pastorais. Urge propagarmos que o dever de participação política é de todos, pois os problemas de ordem social e política são da coletividade e suas soluções devem ser buscadas em conjunto, não se permitindo que as decisões fiquem nas mãos da minoria. Que cada um exerça a sua cidadania, conheça e viva os próprios direitos e deveres; eis o objetivo final para um país de vocação cristã e democrática.

Na boca do túnel da Mantiqueira, no lado paulista, uma locomotiva descarrilhada pelos revolucionários paulistas para impedir o avanço das tropas federais, durante a Revolução de 1932.



1908

A era republicana estendia-se pelo país.

A República consolidara-se, com a desesperança dos saudosistas do Império; e anunciada em 1889, reforçava-se desde 1902 pela posse de Rodrigues Alves como presidente; enfim, mostrava-se, pelo radicalismo, que a paz e as instituições estavam consolidadas. Os tempos agitados pela mudança do sistema e pela crise financeira que abalara a primeira década, após a proclamação da República, estavam superados.

Sob a conotação política da época, ocupando pastas ministeriais, Rodrigues Alves trazia a fidelidade ao Império, tornando-se adesista da República – até que chegou à presidência. Era um tempo de organização territorial, com a consolidação das linhas de fronteiras, em que o Barão do Rio Branco se empenhava. A política das fronteiras completou-se no quadriênio 1902-1906, garantindo a questão da soberania nacional. Ministro de Rodrigues Alves, Rio Branco sobressaía-se nos quadros ministeriais. A revolução nacional empreendida pelo governo Rodrigues Alves concentrou-se, de outro lado, na conjugação de planos voltados para as medidas urbanísticas, sanitárias e portuárias, executadas particularmente na capital da República.

O progresso era a motivação para a modernidade que a República anunciava no Brasil. Tratava-se de coordenar a empresa do progresso, em nome do qual os primeiros tempos republicanos se definiam. A economia atrelada ao progresso associava São Paulo ao conceito do moderno beneficiado pelas riquezas que o café permitiu acumular.

A questão da saúde, com a obrigatoriedade das vacinas, demonstrava que em seu governo Rodrigues Alves chefiava uma verdadeira revolução no país, não sem fortes oposições. A obrigatoriedade da vacina era luta constante.

Assim, o quadriênio 1902-1906 assinala o apogeu do presidencialismo, o reforço das idéias republicanas que vão fazer o século XX se instalar ao lado do imaginário trazido do XIX, pelo qual a sociedade se organizava. Mas servia ao Brasil garantir a soberania, consolidar as fronteiras, iniciar uma obra de saneamento, debelar as revoltas, e foram estas as principais medidas visadas pelo quadriênio no qual Rodrigues Alves exerceu as funções

presidenciais. Além da urbanização da capital federal e da instalação do equipamento do principal porto do país, no Rio de Janeiro. Devido aos interesses econômicos, a instalação das ferrovias teve valor



fundamental. Foram elas o grande símbolo do progresso a marcar o início de uma nova era de integração econômica, política e social. Uma idéia de integração que ganhava corpo.

Quando analisamos o início de um século, notamos os elementos novos que o anunciam, e, como marcadores de um novo tempo, direcionam as ações e os projetos. Se nos debruçarmos sobre os eventos que marcam o início do século XXI, dos quais participamos, o uso da tecnologia da área de informática, a globalização e a extensão dos contatos como marcas sinalizadoras, entenderemos como o novo se apresenta para definir motivações.

Afinal, Rodrigues Alves presenciara o deslocamento das lavouras paulistas valeparaibanas para o oeste e o noroeste do estado, na abertura de uma nova era da qual participou e que testemunhou. Ele, jovem lavrador, além de político e governante. Não lhe eram desconhecidas as lavouras de Guaratinguetá subindo as encostas dos morros, trabalhadas pela escravaria africana, e os produtos do trabalho transportados por tropas de mulas e carros-de-boi. Nesse sentido, foi um grande incentivador das vias férreas e dos estímulos à política imigratória de europeus. Mas, também, como outros familiares, abriu no Oeste as

fazendas de São Manuel, Santa Ana e Santa Maria, localizadas entre Jaú e Bauru. Em seu mandato presidencial, viveu a crise do café forçada pela valorização do preço, a qual culminou na política do Convênio de Taubaté e acabou por desaguar no problema da sucessão presidencial.

São Paulo, que era “o berço da República civil”, segundo Afonso Arinos de Melo Franco em biografia de Rodrigues Alves, tinha até então conseguido conservar o controle do poder federal nos três períodos presidenciais sucessivos. A chapa Afonso Pena – Nilo Peçanha na sucessão presidencial articulava-se e trouxe a vitória para o quadriênio seguinte.

A Rodrigues Alves, no término de seu mandato, coube um saldo positivo devido às relações com as Forças Armadas, que o prestigiaram. Afinal, as classes militares eram sensíveis às realizações do governo, combinadas às suas expectativas. Não eram estranhas às Forças Armadas; muito pelo contrário, o êxito da política externa de Rio Branco consolidando a conquista do Acre, a defesa da soberania nacional nos incidentes com o Peru e outras questões de fronteira, as quais não caberia aqui discutir. E ainda mais, a transformação do Rio de Janeiro e as lutas contra epidemias que, ao receberem o atendimento governamental, faziam elevar-se o conceito de Rodrigues Alves. Foi recebido com honras nas manobras de Santa Cruz, onde ofereceu um banquete à oficialidade, e dos oficiais recebeu um busto de bronze representando a lei, além de um álbum com discursos ligados à questão da consolidação das fronteiras. Com a ênfase na ação de Rio Branco, seu destacado Ministro das Relações Exteriores. Recebia, assim, a manifestação da lealdade do Exército, com que sabia precisar contar.

Entre outras de suas ações ligadas às questões militares, coube-lhe aprovar a construção da Fábrica de Pólvoras de Piquete, que, em tributo, homenageou-o com a titulação da Usina Hidrelétrica, primeiro edifício inaugurado a 15 de setembro de 1906, e da estação ferroviária, símbolo e fulcro inicial do ramal ferroviário que ligava Piquete e as dependências da Fábrica à Central do Brasil, em Lorena. Ramal que dinamizava a vida da Fábrica.

Este tema será continuado.

Dóli de Castro Ferreira

“Dizem que os governantes são o espelho da República. Não é assim, senão o contrário.

A República é o espelho dos que a governam.”

Padre. Antônio Vieira

Foto arquivo Pro-Memória



O maciço dos Marins

Quem percorre o Vale do Paraíba paulista pela via Dutra, no sentido São Paulo/Rio, a partir de Taubaté observa no azulado da Serra da Mantiqueira um pico que se destaca: é o dos Marins, em Piquete, com seus 2.422m.

Essa serra é de grande importância no território paulista, tanto por sua extensão como por sua altitude, em muitos locais superior a 2.000m, como o observado em Piquete. A Mantiqueira oferece paisagens de rara beleza, resultantes de longos processos – geológico e climático – que a moldaram. Sua história geológica é associada a sucessivas fases de ruptura da borda do continente, incluindo vulcanismos. Sobre esse arcabouço rochoso foi entalhada grande diversidade de feições geomorfológicas, representadas por picos e escarpas, anfiteatros de nascentes que abrigam densa rede de drenagem, quedas d’água e vales suspensos. Nos Marins, por exemplo, já acima dos 2.000m, nasce o Ribeirão Passa-Quatro.

A diversidade de feições de relevo da

Serra da Mantiqueira, resultante da altitude, propicia um leque de variação das formações vegetais que, em curtas distâncias, passam dos ecossistemas florestais aos rupestres.

Acertadamente, Piquete tem o cognome de Cidade Paisagem. Isso se deve justamente à Mantiqueira, que corta seu território. Na paisagem valeparaibana, os Marins se destacam, atraindo o olhar curioso de todos, especialmente dos amantes da natureza e cientistas. Já no ano de 1817, o austríaco Thomas Ender, em companhia dos naturalistas Johan Baptiste von Spix e Karl Friedrich Philipp von Marcius, registra o maciço dos Marins em aquarela.

Sentinela a balizar caminhos reais, os Marins são um patrimônio natural que precisa ser olhado com maior atenção. A Fundação Christiano Rosa, desde sua instituição, vem envidando esforços no sentido de preservá-lo como “monumento natural” paulista. Desde 1997, diversos pesquisadores vêm trabalhando em parceria

com a Fundação no levantamento de dados que permitam este intento. Apesar de preservada por meio do Decreto 91.304, de 3/06/1985, que cria a Área de Proteção Ambiental (APA) da Mantiqueira, é necessário um trabalho voltado especificamente para o maciço dos Marins, visando, principalmente, à preservação dos remanescentes de ecossistemas nativos que abrigam as únicas parcelas da biodiversidade montana e alto-montana do território paulista. Em 1998, pesquisadores do INPE e de universidades americana e valeparaibana propuseram a criação de um corredor ecológico da Mantiqueira. A partir de então, diversos outros trabalhos foram realizados com a mesma finalidade.

Em ano eleitoral, é preciso que o eleitor fique atento, procurando conhecer as propostas ambientais de seus candidatos, acompanhar seu trabalho e exigir o cumprimento das promessas de campanha. Há muito a se fazer e em defesa da Mantiqueira.

A capelinha do bairro da Vila Célia

Nos anos 40 do século passado, Christiano Alves da Rosa criou a Vila Célia em terras compradas de Maria da Silva, antiga moradora de Piquete que mantinha extensa área de terras à margem direita do córrego do Araçá. Sua residência era uma velha casa de taipa coberta por telhas, na subida do atual Alto da Bela Vista – antigo Morro do Querosene – voltada para a atual rua Gama Rodrigues. De sua casa avistava-se um amplo rancho onde tropeiros vindos de Minas descansavam, matavam a sede e soltavam os animais para pastar. Maria da Silva vivia da renda auferida pelo aluguel dos pastos e de um cafezal mantido nas encostas do morro do Querosene. No sopé desse morro, logo abaixo de sua casa, foi construída uma capela de aproximadamente 3m x 4m, no local onde morrera um tropeiro, lembrado pela presença de uma “Santa Cruz”. Nessa capela foi entronizada uma imagem do Sagrado Coração de Maria e as pessoas moradoras do pequeno bairro passaram a se reunir para reza do terço. Mais tarde, o Sr. Lázaro Flauzinho Gomes

o sr. Geraldo Piva passaram a ministrar o catecismo para crianças da redondeza. A primeira comunhão era feita na antiga Matriz de São Miguel.



Todos ao anos, em junho, nesse local, durante as festas juninas, o movimento crescia. A população do bairro tradicionalmente fazia uma festa junina, da qual todos participavam. A criançada cortava bambus que eram colocados em forma de arcos e enfeitados com bandeirinhas

coloridas de papel de seda. Cada morador se encarregava de fazer os diferentes pratos: doces, pipoca, melado – em que eram mergulhadas fatias de mandioca e batata-doce –, bolinhos de fubá e outras iguarias saboreadas com quentão e vinho-quente. Havia um espírito de comunidade e a Capelinha era o centro aglutinador. Após a reza do terço, seguia-se o espocar de fogos, a fogueira era acesa e o mastro do santo junino era erguido... Todos dançavam ao som de sanfona tocada pelos moradores Nhá Zefa (Josepha Gabriela) e José Gonçalves.

Para não gerar ciúmes, em cada ano a festa junina era feita em frente de uma residência diferente. Com o desenvolvimento do bairro, a festa também cresceu e foi transferida para a Praça do Monte Castelo.

Por muitos anos, a capelinha foi referência do bairro da Vila Célia. Até que, certo dia, no início dos anos 60, após forte trovoadas, ela ruiu. São raros seus registros e poucos sabem de sua existência. No entanto, para antigos moradores, é agradável e simbólica lembrança.

Crônicas Pitorescas

O fiscado...

O camarada estava numa daquelas de transar uma amizade colorida com determinada pantera e não conseguia jeito de colocar tinta na dita simpatia. A enxuta em vista era secretária de um curso noturno e o paquerador trabalhava durante o dia. Tem-se que levar em conta que era casado, e a esposa, ciumenta em elevado expoente. No passar da semana, quando poderia dar uma engrupida na patroa e praticar uma fugidinha, não resolveria seu problema, pois estava trabalhando. Aos sábados e domingos, o casal casado já transformara em tradição curtir o fim-de-semana juntos. Burrice dele em converter certos baratos em hábito! Estava assim o cara: em situação de comer jabuticaba de faca e garfo.

Pulador de muro de primeira viagem, empolgadão, e a chance trabalhando de bandida. Abriu o jogo com os colegas de serviço... Mesmo os habituados em trambicar fora de casa não conseguiam uma fórmula ideal para liberar o companheiro em um final de semana sem que se processasse uma deflagração beligerante no lar. Justamente um, com cara de boi sonso, foi quem pintou com a solução...

– Você gosta de pescaria?

– Lá tenho paciência para ficar segurando vara em beira de rio!

– Pois passe a gostar! A mina lá não vale um sacrifício?

– Bota sacrifício nisso!

Começou a explicar o plano: em todos os sábados, ele deveria reunir-se com um grupo e ir para uma pescaria. Que fizesse o que entendesse, mas que, aparentemente, para sua mulher estava apaixonado pelo esporte odiado pelos peixes. Que trouxesse de vez em quando um bagrinho para enganar a fera... Que mentisse bastante sobre os peixes que lhe escaparam, coisa normal de piraquara... Enfim, que se amarrasse integralmente em pescaria!

– E onde é que entra minha panterona nessa história? – chiava o excitado.

– Calma, bicho! Isso é a fase preliminar do plano. Quando sua mulher estiver tranqüila com esse inocente passa-tempo, é que vem a gororoba!

Transformou, então, em miúdos: a turma resolverá fazer uma grande pescaria num rio lá pelo sul de Minas, lugar distante, mas muito piscoso... Sairão num sábado, bem de manhã... Pousarão em barracas à beira do rio.

Palmyro Masiero

Ele teria que levar o carro, pois eram muitos, além do transporte do material. Domingo à tarde estariam de retorno. E o que faria ele, na realidade? Marcaria encontro com a secretária desejada e curtiriam aquele sábado num sereno motel...

O danado endoidou de alegria! De imediato, colocou o plano em ação. Mais de um mês andou pelas barrancas dos rios, com anzóis, linhas e outros tais que comprou. No início, sua mulher estranhou aquele capricho repentino, mas – suas chegadas de pescaria eram tão convincentes! – aceitou essa nova atividade com esportiva. Afinal, pensava, a noite era deles!

Chegou o sábado que estabelecera para a noitada fora. Houve, por parte de sua carametade, alguma grita... Mas, com jeitinho – brasileiro da peste! –, ele contornou a coisa. E às cinco da manhã, antes da madame acordar, o marido deu no pé.

O sábado foi-se. Veio o domingo. Aqui ninguém é quarto de motel pra saber o que houve lá dentro. E nem nós temos nada a ver com a vida dos outros! O caso – é o que nos interessa – é que, lá pelas quatro horas da tarde, ele chegou em casa, cansado e com olheiras. Cachorro ladrão nego nota logo. Imaginem mulher ciumenta! Acabou reclamando de tudo. Da distância do rio, da estrada esburacada lá nos cafundós, da chuva que caía a noite toda, da dormida no meio do barro dentro de barraca... Um inferno! O rio, um lamaçal!

– Não pescaram nada, então? – perguntou a mulher com jeitão irônico.

– Pegar o quê? Era só barro e chuva caindo... – falou o cara-de-pau.

– Vocês pararam em algum lugar na volta? – inquiriu a esposa.

– Quê!... A gente não via era a hora de chegar em casa!

– Tem uma turma despeitada que diz que em Minas acontece de tudo, mas de duas eu duvido!

– Que conversa é essa? – assustado ele gritou como anteparo.

– Primeiro: chuva seca e barro limpo! Tanto suas roupas, que são de passeio e não de quem vai a uma pescaria, como seus sapatos e o próprio carro não têm sequer uma manchinha de barro. Segundo: mesmo que estivesse chovendo, a água teria que ser perfumada!

Querem saber no que deu? Eu idem!

Perna de pau

Edival da Silva Castro

Dentre as brincadeiras de criança havia uma que exigia habilidade: a perna de pau. Lá pelas bandas do ginásio da Fábrica Presidente Vargas, ia cortar o bambu para feitura da mesma. Escolhia o mais grosso.

Depois de limpo, arrastava-o até em casa. Pra se fazer a perna de pau não havia segredo: cortava-se o bambu um pouco mais do que a nossa altura. Entre os dois primeiros gomos fazia-se um buraco, colocava-se um toco pra servir de apoio aos pés, o que permitiria a locomoção.

Nas peladas com bola de meia meus colegas achavam que eu era perna-de-pau. Não sabia chutar, driblar, tampouco fazer gols. Estavam sempre tirando sarro com a minha cara. Eu não ligava muito, gostava mesmo de estar me equilibrando sobre uma perna de pau. Quando saía à rua manobrando-a, todos vinham e queriam dar uma voltinha. Claro que eu não deixava. Mostrava-lhes, então, minhas habilidades: subia e descia escadas, andava com as mãos esticadas pra frente, dava uns pulinhos e até dançava...

Notei que pouco tempo depois, a criançada tomou gosto por pernas de pau e a rua encheu-se delas. Existiam algumas feitas em marcenaria, torneadas e pintadas.

Fui o ganhador da primeira corrida de perna de pau. Na ocasião, concorreram uns dez garotos: o primeiro lugar perdeu-se de vista. Ganhei como prêmio um lindo e colorido bilboquê. Passei a praticá-lo, tornando-me exímio jogador na arte de encaixar o bastonete na bola de madeira.

Quando jogava bola e era tachado de perna-de-pau, eu não gostava, mas aceitava o deboche. Sendo o campeão da primeira corrida, todos passaram a me rodear e querer aprender a técnica de como correr veloz, mesmo com uma perna de pau feita de bambu.

Aí, seria mancada se eu lhes ensinasse.

Lírica para o Zé Custódio (o “Zé das Moças”)

*Para receber o “Zé das Moças”
Um cortejo de anjos se anuncia,
Já agora nomeado “Zé dos Anjos”.*

*Solidária na Terra a trajetória
Entre os simples.*

*Construtor de memórias,
Fez da glória o perene, a História.*

*Ao Anjo Custódio se anuncia.
Similar ao homônimo, custodia.
De Custódio, o nome e a simetria.*

*Dóli de Castro Ferreira, em homenagem ao
cultor das ações solidárias e da vida em
comunidade. Agosto de 2008*

“A primeira coisa que um homem precisa saber para vencer é lidar com a vitória. O treinamento conta. Não se pode vencer em nada sem estar preparado para ser vencedor.”

Connie Mack

Vasos de barro

Do dia 29 de junho deste ano até a festa de São Pedro e São Paulo, em 2009, os católicos de todo o mundo vivem o Ano Paulino, decretado pelo papa Bento XVI em comemoração aos 2000 anos de nascimento do apóstolo Paulo.

No capítulo 4 da segunda carta à comunidade cristã da cidade de Corinto, referindo-se ao ministério de anunciar a palavra de Cristo, Paulo diz: “esse tesouro nós o levamos em vasos de barro, para que todos reconheçam que esse incomparável poder pertence a Deus e não é propriedade nossa”. Nós, cristãos de hoje, não podemos nos esquecer da debilidade de nossa humanidade; ninguém escapa à realidade de que “estamos todos sob o império do pecado” (Rm 3,11); por isso, muitas vezes, nossas fragilidades tornam-se evidentes.

No capítulo 8 do evangelho de João, Jesus dá-nos um importante ensinamento ao dirigir a palavra aos acusadores de uma mulher pega em flagrante adultério: “quem de vocês não tiver pecado atire nela a primeira pedra”. O texto nos diz que “ouvindo isto, eles foram saindo um a um, começando pelos mais velhos”. Então, sozinho com a mulher, Jesus mostrou a ela e a todos nós, que na vida, o amor e o perdão

devem sempre superar os pecados e as faltas das pessoas: “eu também não te condeno;



podes ir”. Onde é grande o pecado, maior é a graça de Deus (Rm 5,20); assim também deve ser a gratuidade dos cristãos em acolher os que pecam. O encontro de Jesus com a pecadora continua a nos dizer: “Não julguem e vocês não serão julgados, pois vocês serão medidos com a mesma medida

com que vocês medirem” (Mt 7,2). É uma orientação muito clara quanto à maneira de lidarmos com o pecado alheio.

Para o apóstolo Paulo, a salvação é um dom gratuito do amor de Deus para aqueles que crêem na misericórdia divina, a nós revelada em Jesus Cristo. Até mesmo os mais pecadores, crendo na bondade de Deus, podem ser considerados justos por Ele, mediante a fé. O grande legado de Paulo para os cristãos é a boa notícia de que Deus nos aceita como filhos sem que nós tenhamos merecimentos, porque nossos pecados são pequenos demais diante da imensidão de seu amor por nós. Para sermos salvos precisamos crer nisto, pois “o homem se torna justo pela fé, independente da observância da lei” (Rm 3,28).

O amor incondicional de Deus por nós nos constrange e nos santifica; ensina-nos a também amar os nossos semelhantes incondicionalmente, sem esperar que mereçam. O Ano Paulino é uma bela oportunidade de crermos na generosa caridade divina anunciada nos escritos de Paulo, e de nos tornarmos mais generosos na prática da caridade para com nossos semelhantes, sobretudo para com os mais pecadores. **Pe. Fabrício Beckmann**

2008

A primeira década de um século é sempre a continuação do anterior, abrindo com suas propostas reveladoras o outro que se anuncia.

O ano 2000, último do século XX, fechou com duas proposições alentadoras: o da valorização do questionamento do meio ambiente, a ser reconhecido e preservado com sustentabilidade, e o do reconhecimento do gênero como temática sócio-econômica relevante.

A questão relativa ao meio ambiente veio carregada de uma retórica enfática de bons propósitos, algumas realizações ainda tímidas e uma enorme celeuma entre preservar, usar e desenvolver. E, além de tudo, garantir empregos, de forma tradicional.

Aos que esperam lucros imediatos e poucas medidas necessárias para as reposições ou conservação paralelas ao uso dos recursos naturais, a eterna dicotomia entre produzir e recompor, o primeiro deles privilegiado. Os eucaliptos estão aí, em massas densas, a se demonstrar na paisagem. A curto prazo, a madeira produzida será cortada e levada para os fins a que se destina. A celulose também. Os lucros, com quem ficarão? E os prejuízos? Já que a intervenção foi dada, que atividades preservacionistas e educativas se fazem paralelamente? O tempo, o grande mestre, nos dirá. E nos dirá com sabedoria. Pois,

como diz o Eclesiastes, a sabedoria é saber viver, é Lei e Dom de Deus, é a habilidade do dia-a-dia, o viver em sociedade, é o conviver com justiça. Pela sabedoria, reconhecemos a estrutura do mundo, as propriedades dos elementos e a busca do conhecimento de tudo o que existe. O livro da Sabedoria (5-7) aconselha o uso do conhecimento recomendado pelos dons da instrução e a vontade de cultivá-los. Lutar contra a corrupção do meio em que vivemos, seja ele social ou físico. Por isso, com preocupação, presenciei as águas do nosso Ribeirão Piquete já muito poluído, portador de descarga volumosa de cor amarela e textura aparente de enxofre. Despedida nele no final do dia de quarta-feira, 9 de julho p.p., cobria as águas do rio em torno das 18h30min, e arrastava-se na corrente por debaixo da ponte que dá acesso à Av. 15 de Março direcionada à Fábrica. Duas referências de datas portadoras de eventos significativos na vida da cidade.

Quanto ao reconhecimento do gênero como discussão importante na transição para o século XXI, o papel da mulher que transcende o lar para as atividades ligadas à capacitação nas atividades exteriores e competitivas da mão-de-obra qualificada nos segmentos especializados do mercado.

Um novo conceito de feminismo inquire sobre questão ética, políticas públicas,

conquistas sociais e escolaridade, principalmente. A verificação das notícias dá conta das questões de saúde e vulnerabilidade a que as mulheres estão mais sujeitas do que os homens. Como viver no mundo das realidades atuais exposto em largo espectro pelas comunicações? Como capacitar as mulheres para viver nesse novo mundo frente aos desafios impostos, principalmente pelas convenções arraigadas numa sociedade como a brasileira, ainda em transição do rural para o urbano? A questão educacional dever ser repensada, e os estereótipos, superados. O idealismo é conduzir a uma fórmula de reconhecimento das diferenças, sem exclusões, para que possamos nos mirar em um destino comum. Não é, pois, sem motivos, que os líderes religiosos de nossa cidade têm apelado para a solidariedade, tema do qual é fácil falar, mas difícil de ser praticado. Por isso, foi interessante participar de um ato religioso, quinta-feira, 10 de julho p.p., em que o padre Lázaro Antônio Rodrigues, vigário paroquial, propôs aos ocupantes dos bancos de um lado da igreja abraçarem os do outro lado, sob a instigante proposição da parábola do Evangelho do dia, sobre o que é talento e para que serve. Em nome da solidariedade e da compassividade entre irmãos.

Dóli de Castro Ferreira

Se queres a paz, prepara-te para a guerra

Quando este “ESTAFETA” estiver circulando, já terão sido encerradas as Olimpíadas de Pequim.

A 29ª edição dos Jogos Olímpicos da era moderna foi exemplo de organização e beleza, com inúmeras quebras de recordes mundiais e olímpicos, consagração de atletas, alegrias e decepções para inúmeros povos.

É realmente emocionante assistir aos esforços de pessoas que, em determinados momentos, nada têm de humanas, tamanha a demonstração de força, garra, velocidade... Ao mesmo tempo, impressionam, também, a leveza de movimentos, a sutileza dos detalhes, o poder de concentração. É, sem sombras de dúvida, um dos maiores espetáculos da Terra.

Na realidade atual, de conflitos constantes, os Jogos Olímpicos selam a união, o encontro de diversas culturas, algumas teoricamente incompatíveis... É um armistício, um suado – literalmente – ponto em comum entre 204 países.

Porém... Nem tudo é beleza, perfeição... A China, anfitriã da vez, é um país ainda questionável em relação, por exemplo, ao respeito aos direitos humanos e à liberdade de imprensa. Alguns acontecimentos tentaram ofuscar o brilho das Olimpíadas, mas foram devidamente ocultados do Ocidente e mascarados pelo poderoso governo chinês.

Temos, portanto, no final das contas, um emocionante conjunto de imagens que serão a marca destas Olimpíadas. A mim, marcou-me uma reportagem a que assisti antes da abertura dos Jogos, sobre o aparato de segurança utilizado pela Organização: um bom naco dos divulgados US\$40bi gastos pela China nas preparações para sediar as Olimpíadas foi dispendido neste setor. Impressionou-me, ao lado do agora conhecido “Ninho de Pássaros”, a presença de tanques e artilharia antiaérea. O

contraste do colorido das bandeiras, da arquitetura de ponta, da pele das pessoas, com o verde-marrom das camuflagens é emblemático. Por que, para uma festa de confraternização devemos nos prevenir tal como para uma guerra? A que ponto chegou a humanidade para aventar a possibilidade de um atentado ao local onde se comemora a união, a fraternidade? Um espaço onde se cultua a beleza, a perfeição, a disputa leal? Mais uma vez a China é emblemática: em Pequim fica a “Praça da Paz Celestial”... Não são necessários comentários.

Até o século 20 a valorização da guerra foi mais freqüente que a sua condenação. Georg Hegel afirmou que a guerra assegura a saúde moral dos povos, que seria afetada pela estagnação de uma paz perpétua, da mesma maneira que os ventos protegem o mar da podridão inerente às águas paradas. Portinari pintou “Guerra e Paz”...

Estariamos, então, condenados à guerra para atingir a paz? Quero crer que a guerra a enfrentar seja a da persistência, a qual nos impele a atingir metas, independentemente dos canhões ou bombas atômicas que nos tentam parar. A maioria dos atletas brasileiros, muito mais que americanos, por exemplo, têm de vencer numerosas batalhas para competir. São batalhas contra a falta de dinheiro, de estrutura, de apoio público.

Em época de eleições, nossa batalha deve ser outra: contra os falsos políticos, contra aqueles que – contrariando o ideal olímpico – pensam apenas em si mesmos e vêm nos cargos públicos uma fonte de recursos e não de soluções para as guerras municipais que têm de ser vencidas. Espelhados nos exemplos dos atletas, procuremos eleger candidatos comprometidos com a Paz, aquela que pode ser obtida por meio da guerra de idéias, de competências, de projetos bem elaborados, de trabalho honesto... Vamos à luta!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Detalhes de “Guerra e Paz”, painéis pintados sob encomenda por Portinari para a sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, nos EUA.



Força reivindicante

Abigail Lea da Silva

Afirmam os desanimados: “cidadão é o cara que nasce e morre pagando imposto e passa a vida apresentando documento”.

Sabemos que temos direitos. Hoje existem bons programas na televisão que nos orientam, que dirimem as nossas dúvidas, que nos ensinam os caminhos da justiça. Mas a muralha de deveres e impedimentos é tão poderosa, que perdemos a vontade de lutar.

Quando temos notícia das barbaridades que ocorrem nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, nós nos lembramos dos nossos tempos na Faculdade Salesiana de Lorena, bons momentos em que discutíamos as encíclicas “Rerum Novarum”, “Quadragesimo Anno” e “Mater et Magistra” e redigíamos laudas e laudas sobre a habitação das populações menos favorecidas.

Parecia que aqueles barracos de papelão e lata iriam sumir da paisagem carioca. Por incrível que pareça, os barracos se consolidaram em construções com laje. E a laje é alugada para uma nova moradia.

A miséria honesta que existia naquela época virou miséria aflita, comandada por bandidos.

Na cidade de São Paulo, olhamos estarecidos duas represas, Guarapiranga e Billings, com suas margens densamente povoadas.

Aí nos perguntamos: será que o poder público dormiu nestes quarenta anos? Dormiu tanto, que deu para os traficantes se instalarem nas favelas e para os milicianos substituírem os traficantes? E o que vai acontecer quando os traficantes deixarem de disputar pontos e se unirem contra o poder público? Será que os favelados vão substituir sua inócua força reivindicante por uma força beligerante?

Eu, particularmente, achei providencial a prisão do traficante Abadia no Brasil. Assim, a nossa juventude pôde ver para onde vai o dinheiro das drogas – mansão, carros, móveis, roupas, utensílios e guarnições de primeira qualidade ao uso de um homem que nunca bateu um cartão de ponto, nunca sentiu o calor de um forno, nunca passou a noite controlando a pressão arterial de um doente, nunca ensinou uma criança a ler.

E vou ficar muito feliz se as estradas que levam o cidadão a fazer valer seus direitos forem mais largas e mais numerosas.

O grande orador romano Marco Túlio Cícero ficou muito conhecido por quatro discursos IN (contra): Catilinam – Lúcio Sérgio Catilina. Mas admiráveis são também seus discursos PRO (em favor de): Marcello; Ligario; Archia.

É assim que precisa viver um cidadão. Ciente de seus deveres, mas certo de que seus direitos estão garantidos.